

MOREIRA, Carina Maria Guimarães. **Zumbi: cultura popular negra e desigualdade social**. Campinas: Unicamp. Universidade Federal de São João del Rei: professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e do curso de Graduação em Teatro. Bolsista Capes de Pós Doutorado-PNPD do Programa de Pós Graduação em Artes da Cena da Unicamp.

RESUMO

A presente comunicação – um dos resultados parciais do pós-doutoramento (PNPD/CAPES) em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade de Campinas-UNICAMP (abril de 2017 a março de 2018), sob supervisão da Professora Doutora Larissa de Oliveira Neves Catalão – pretende, tecer uma análise da peça *Zumbi*, dirigida no ano de 2012 pelo artista João das Neves. *Zumbi* é inspirado no musical *Arena Conta Zumbi* (1965), de Boal e Guarnieri, que tendo por base o romance de João Felício dos Santos, *Ganga Zumba* (1962), trouxe uma narrativa da história do Quilombo dos Palmares. A montagem do Teatro de Arena foi considerada uma das primeiras respostas no campo cultural ao Golpe de 1964. Para a montagem atual, João das Neves propõe a formação do elenco com atores negros, deslocando o foco central da resposta política ao momento histórico da obra (golpe militar de 1964) para um debate, não menos político, sobre a cultura afro-brasileira e sua história, trazendo à tona uma discussão acerca do racismo e das desigualdades sociais presentes em nossa sociedade desde sempre.

PALAVRAS-CHAVE: João das Neves. Teatro político. Teatro de Arena.

ABSTRACT

This present communication - one of the partial results of the post-doctoral program (PNPD / CAPES) under development in the Post-Graduate Program in Arts of the University of Campinas-UNICAMP (April 2017 to March 2018), under the supervision of the PhD Larissa de Oliveira Neves Catalão - intends to perform an analysis of the theatre piece *Zumbi*, directed in the year 2012 by the artist João das Neves. *Zumbi* is inspired by the musical *Arena Conta Zumbi* (1965) by Boal and Guarnieri, which based on the novel by João Felício dos Santos, *Ganga Zumba* (1962), brought a narrative of the history of Quilombo dos Palmares. The creation of the theatre piece at the Arena Theater was considered one of the first responses in the cultural field to the 1964 Coup. For the current version of the piece, João das Neves proposes the formation of the cast with afro descendent actors, shifting the central focus of the political response to the historical moment of the work (military coup of 1964) for a debate, no less political, on Afro-Brazilian culture and its history, bringing out a discussion about racism and social inequalities present in our society since always.

KEYWORDS: João das Neves. Political theater. Arena Theater.

*Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.
Bertolt Brecht*

Na presente comunicação nosso interesse volta-se para a encenação *Zumbi* – um trabalho do início do século XXI, mais precisamente 2012 –, que se encontra em contexto político econômico brasileiro de perspectivas ainda progressistas, porém, já em xeque e transição. Quadro esse evidenciado desde as manifestações de maio de 2013, cujas consequências e análises começam a emergir em nosso momento atual. Esse início do século XXI em nosso país foi marcado por discussões e políticas de fomento à arte, como o Movimento Arte contra a Barbárie,¹ políticas públicas de ação afirmativa, como a política de acesso por cotas às universidades públicas² e abertura de órgãos como Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,³ trazendo para o contexto tanto da produção profissional cênica quanto das universidades temas e realidades transversais que deram abertura para novas discussões e reivindicações. Nesse sentido, entendemos que essas novas discussões e reivindicações possuem uma dimensão política, que pode ampliar as noções de luta de classes e representação. Consideramos o espetáculo *Zumbi*, de João das Neves, exemplar para a discussão dessa dimensão política.

Zumbi é inspirado no musical *Arena Conta Zumbi*, de Boal e Guarnieri, que, com base no romance *Ganga Zumba*, de João Felício dos Santos (1962), trouxe uma narrativa da história do Quilombo dos Palmares. Começa com a vinda do rei Zumbi ao Brasil, num navio negreiro, e termina com a derrota de Palmares, porém, a obra não se limita apenas a tal narrativa histórica, mas, sobretudo, significou na época uma resposta ao golpe político sofrido pelo país em 1964 (Campos, 1988). Para a atual montagem, João das Neves propõe a formação do elenco todo com atores negros, deslocando o

¹Arte contra a Barbárie foi um movimento de organização em torno da classe de artistas de teatro, que ocorreu na virada do século XX para o XXI, na cidade de São Paulo. Tal movimento além de gerar caras discussões a respeito da função do artista em nossa sociedade, obteve alguns resultados concretos no que diz respeito ao entendimento e à organização de grupos teatrais, sendo a Lei de Fomento ao Teatro um de seus resultados mais contundentes. Para aprofundar o assunto, ler: Desgranges, Lepique, 2012 e Costa, 2012.

²A Lei de Cotas foi instituída no âmbito federal em 2008, mas já vinha sendo discutida há mais tempo, bem como, desde 2000, implantada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Uerj.

³A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – Seppir foi criada em 2003 no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sendo resultado do reconhecimento das lutas históricas do Movimento Negro.

foco central da resposta política ao momento histórico (golpe militar de 1964) para um debate, não menos político, sobre a cultura afro-brasileira e sua história, trazendo à tona uma discussão acerca do racismo e das desigualdades sociais presentes em nossa sociedade desde sempre.

Arena Conta Zumbi foi concebida como um musical, o primeiro de uma série que será apresentada pelo Teatro de Arena.⁴ Considerado uma das primeiras respostas ao golpe de 1964,⁵ sua estreia data de 1º de maio de 1965. O popular é amplamente explorado na peça e é fundamentalmente ligado ao universo afro-brasileiro, o que se faz pela escolha da história da luta negra em Palmares, mas que também pode ser percebido na figura do cantador nordestino, participando da estrutura da peça como narrador. Muito desse vínculo com a cultura afro-brasileira se dá pela música – embora em sua maioria composta por Edu Lobo, inclui uma composição de Vinícius de Moraes –, adotando sambas e batuques e trazendo nas letras o universo africano e afrodescendente. Além das músicas, o texto da peça traz na fala dos personagens negros um tipo de português “errado” que pretende reforçar as origens populares desses personagens; tal construção da fala, segundo Claudia Arruda Campos (1988), origina-se de uma das obras utilizadas para a elaboração da dramaturgia, o livro *Ganga Zumba*, de João Felício dos Santos. Cabe mencionar, aliás, outro livro usado como referência: *O Quilombo dos Palmares* (2011)⁶, de Edson Carneiro, que reúne uma série de documentos de autores do período colonial.

Em relação à dramaturgia, a adaptação *Zumbi* feita por João das Neves manteve praticamente a integridade do texto, ou seja, foi fiel ao roteiro da história, às músicas e à forma de falar das personagens, com apenas alguns cortes de cenas, mudanças de algumas palavras e acréscimos de algumas falas e elementos, como, por exemplo, músicas do congado mineiro, que não pertenciam à montagem original. Com respeito à encenação, entretanto, as duas montagens se diferenciam bastante e, apesar da ausência de documentação em vídeo do *Arena Conta Zumbi*, é possível pela comparação de fotos e relatos identificar essas diferenças. Para começar, como já destacado, o elenco da adaptação *Zumbi* é todo negro e há na construção dos elementos visuais da cena uma ambientação do quilombo, o que leva a uma leitura mais dramática do ponto de vista visual. Há forte presença da cultura negra mineira, na constituição dos instrumentos, da musicalidade e dos elementos do congado mineiro. Além da complexidade dos arranjos musicais: diferentemente da montagem de 1965, que contava apenas com bateria, violão e flauta, em 2012 os arranjos ganham corpo com outros tipos de instrumentos percussivos e harmônicos.

Se pensarmos na dimensão política de cada montagem, podemos perceber a chave de leitura para cada uma. A primeira apropria-se da história do Quilombo dos Palmares para trazer a importância da resistência frente ao quadro político estabelecido com o golpe de 1964; a segunda apropria-se da mesma história para trazer, porém, a importância da luta diária de resistência ao racismo e às diferenças sociais vividas no Brasil por grande parte da

⁴Importante grupo teatral paulista das décadas de 1950 e 1960; é considerado uma referência para o teatro político no Brasil. Sobre o assunto, ler Costa, 1996 e Prado, 1988.

⁵O musical *Opinião*, considerado a primeira resposta teatral ao golpe de 1964, foi encenado ainda em dezembro de 1964.

⁶A primeira edição da obra de Edson Carneiro data de 1958, pela editora Brasiliense.

população negra até os dias de hoje. Nas duas montagens, o valor mais significativo não repousa na reprodução da história daquele quilombo, mas no símbolo de resistência que tal narrativa contém. Nesse sentido, torna-se mais pertinente a investigação dos elementos culturais e da forma como é construída essa narrativa do que a averiguação da veracidade dos fatos históricos, embora, por se tratar de narrativa que envolve a reconstrução de um momento histórico, não se possa desprezar a pertinente visão historiográfica.

O texto de *Arena Conta Zumbi* tem construção épica. Além de se constituir como um musical, incluindo, portanto, várias intervenções por meio da música, possui narrativa não linear, com cenas curtas e nem sempre interligadas pelo mecanismo de causa e efeito. Outro elemento que reforça o caráter épico encontra-se na forma da encenação – é na montagem de *Arena Conta Zumbi* que Boal começa a desenvolver o sistema coringa, segundo o qual os atores podem revezar-se na interpretação dos personagens.⁷ Como o texto tem sua integridade quase totalmente mantida na adaptação *Zumbi*, que se apresenta como objeto de interesse neste artigo, optamos pelo enredo da montagem dirigida por João das Neves.

Zumbi começa com a chegada do rei Zumbi em um navio negreiro. Já na apresentação, a personagem chama seus iguais a se rebelar contra as condições em que se encontram. Nesse contexto, são apresentadas as mazelas do sistema da escravidão, a tortura, a violência, o trabalho forçado. A narrativa segue, mostrando a formação do quilombo e os ataques que sofreu por parte dos brancos, ataques sempre motivados por interesses econômicos e impulsionados ideologicamente pelo moralismo e pelo racismo, evidenciando o quadro no qual a relação entre o branco e o negro nunca passa por nenhum nível de igualdade, mas sempre pela soberania branca, exercida pela posição de poder. No espetáculo, porém, é possível constatar a forte contradição contida nessa posição de poder, seja na construção do texto ou da encenação. Nessa construção, percebemos por parte dos negros um grande esforço em construir uma sociedade melhor, com base no trabalho, na cooperação mútua e na conquista de sua libertação da escravidão, imposta pelos brancos. O rei Zumbi e seus sucessores caracterizam-se por um tom de nobreza e liderança, enquanto os brancos mostram caracterização cômica na encenação, sendo sempre representados de forma burlesca.⁸ Seus interesses se ligam à defesa da propriedade privada, à moral da tradição familiar e, principalmente, aos interesses econômicos acima de qualquer outro. Palmares é erguido e representado como uma sociedade livre, construída a partir do trabalho e da solidariedade. A construção dessa sociedade não é inteiramente aprovada pelos Brancos, porém, o Governo, na figura de Dom Pedro de Almeida, chega à conclusão de que é mais custoso travar uma guerra e recuperar os negros aquilombados do que trazer mais homens da África. Palmares cresce, vende sua produção e compra armas para sua defesa. Os brancos, se dividem em dois grupos – os comerciantes e os donos das sesmarias. Os brancos comerciantes, a princípio, têm boa relação com os quilombolas, pois negociam com eles, comprando mercadorias e vendendo armas. Os brancos donos das sesmarias, todavia, não concordam com a existência do quilombo, que consideram afrontosa. Há então o “erro trágico” cometido pelos quilombolas, quando, imbuídos da fé na boa relação com os brancos comerciantes e na

⁷ Para mais informações sobre o sistema coringa, ver Boal, 1977.

⁸ Tal caracterização também ocorreu no espetáculo *Arena Conta Zumbi*.

promessa de paz e liberdade, aumentam os preços de suas mercadorias e param de comprar armas. Nesse momento, os brancos comerciantes se unem aos brancos donos das sesmarias contra o quilombo. Chegam ao Brasil, Ganga Zona, neto de Zambi, e sua companheira, Gongoba; eles são separados e, a caminho da propriedade em que trabalharia, Ganga Zona toma conhecimento dos negros de Palmares, que vão encontrá-lo para conduzi-lo ao quilombo. Os brancos comerciantes com seus interesses feridos, unidos aos brancos donos das sesmarias, começam uma campanha pela conquista da opinião pública, papel esse reservado especialmente às mulheres de família, divulgando a mensagem ideológica de que o quilombo era uma ameaça à tradição e à família. Gongoba dá à luz Ganga Zumba, filho de Ganga Zona e bisneto de Zambi. O tempo passa, Ganga Zumba cresce e vai para Palmares, assumir seu lugar de liderança. Gongoba é açoitada e morta, e há um confronto entre brancos e quilombolas, com baixas de ambos os lados. A proposta de paz por parte de dom Pedro de Almeida é aceita pelo rei Zambi. Dom Pedro de Almeida, entretanto, é destituído do cargo de governador, para o qual é nomeado dom Ayres, que promete, como podemos ler na fala da personagem, “um governo enérgico [que] toma medidas impopulares de proteção à coroa, não aos insatisfeitos”. Nomeia um capitão-mor de campo para “prender, torturar, castigar e matar estes negros fugidos e levantados”. Ganga Zona morre, e Ganga Zumba assume o trono de Palmares, que se prepara para a luta convocando os líderes de todo o território quilombola. O governo elege o paulista Domingos Jorge Velho para comandar a invasão ao território do quilombo. As forças quilombolas são vencidas, mas até o fim Ganga Zumba resiste.

Na montagem de *Arena Conta Zumbi*, reiteramos, a fábula é tecida para se falar do presente e por isso são várias as referências ao contexto de 1964, servindo o episódio de Palmares como metáfora aos acontecimentos de então. A proposta era de análise e possível resposta ao golpe, o que, portanto, justifica elementos como a força dos interesses econômicos e da coroa, que representavam, aliás, os interesses do capital externo; a conquista da opinião pública, missão outorgada especialmente às mulheres, em alusão às marchas pela família que antecederam o golpe; a destituição do governo legítimo e a substituição por um governo impopular – para ficar apenas com alguns exemplos, que pensávamos, mesmo em 2012, na época da montagem de João das Neves, se tratar de eventos guardados no passado histórico; eles vêm à tona, porém, em nosso presente histórico, colocando o estado democrático do país em xeque. A proposta da peça era trazer os eventos do golpe para avaliar suas causas e analisar a derrota popular para, então, propor uma atitude de resistência.

A fábula se materializa na chave de luta contra o racismo e a desigualdade social na montagem de João das Neves; e, da mesma forma, questões como a força do capital, o trabalho ideológico repetido pelo exemplo da família tradicional brasileira, e governos que se colocam de forma violenta contra os populares igualmente ganham força como argumento de luta. No caso de *Zumbi*, a presença da cultura popular negra é ferramenta rica e astuta. Ao analisar com mais vagar os elementos da cultura popular negra inscritos nessa montagem, percebemos alguns pontos que trazem questões caras à relação palco/história/cultura popular negra. Tais questões se revelam em uma

primeira instância no texto original de *Arena Conta Zumbi* e se estendem à montagem de *Zumbi*.

Dessa forma, na obra *Arena Conta Zumbi*, percebemos o quanto não só o assunto do golpe político e das formas de cerceamento da democracia, como aquelas ocorridas em 1964, mas também do racismo e da exclusão social se fazem pertinentes para o debate. Em 2012, ano da remontagem de João das Neves, momento em que ainda não era possível vislumbrar a concretude do golpe que viria a acontecer em 2016, e que só começou a se desenhar em 2013, foi possível a ampliação de sua dimensão política, emergindo, na nova proposta de montagem, as potencialidades da peça ligadas ao racismo e à exclusão social; mesmo assim, defendemos, a pertinência de *Zumbi* como uma obra de resistência potencial também ao golpe de 2016, nas suas novas configurações, permanece ainda hoje, uma vez que ainda estamos procurando entender as consequências desse golpe de 2016 e longe de esgotar as reflexões do que passamos de 1964 a 1985.

Eu vivo num tempo de guerra
Eu vivo num tempo sem sol
Só quem não sabe das coisas
É um homem capaz de rir.
Ai triste tempo presente
em que falar de amor e flor
é esquecer que tanta gente tá sofrendo de dor.
Todo mundo me diz que devo cume e bebê
mas como é que eu posso comer
mas como é que eu posso beber
se eu sei que estou tirando
o que vou comer e beber
de um irmão que está com fome
de um irmão que está com sede
de um irmão.
Mas mesmo assim eu como e bebo.
Mas mesmo assim, essa é a verdade.
Dizem crenças antigas que viver não é lutar.
Que sábio é o que consegue ao mal com o bem pagar.
Quem esquece a própria vontade,
quem aceita não ter seu desejo
é tido por todos um sábio.
É isso que eu sempre vejo
e é isso que eu digo
Não!

Eu sei que é preciso vencer
Eu sei que é preciso brigar
Eu sei que é preciso morrer
Eu sei que é preciso matar.
(Boal e Guarnieri e Lobo, 1965)

Somos levados a crer que a luta e a resistência, além de demandar vigília cotidiana, em nossa sociedade está longe de se encerrar. Com clara referência ao poema de Brecht “Aos que vão nascer” (1986, p. 214-216), a peça ainda hoje, pareada aos acontecimentos históricos que estamos vivendo desde o ano seguinte ao de sua estreia, nos faz lembrar o quanto a luta e as formas de opressão se repetem de tempos em tempos, e avanços e recuos históricos são dados concretos que devem ser enfrentados no próprio

movimento histórico. O olhar em perspectiva para as montagens de *Arena Conta Zumbi e Zumbi*, pondo em contraste 1965 e 2012, nos revela que para essa luta é preciso unir esforços; vivemos tempos sombrios, em que precisamos entender e buscar mais aquilo que nos une na luta do que aquilo que nos distancia.

Referências bibliográfica

BRECHT, Bertolt. **Poemas 1913-1956**. Tradução Paulo Cesar de Souza. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Cláudia de Arruda. **Zumbi, Tiradentes e outras histórias contadas pelo Teatro de Arena de São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SANTOS, João Felício dos. **Ganga Zumba**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962.